



## Metamorfoses do Novo mundo

Octavio Ianni\*

### Índice

Prólogo; 1. Deslumbramento ou desencantamento; 2. Colonialismo e escravismo; 3. Nacionalismo e imperialismo; 4. Globalização e crise do Estado-Nação; 5. Epílogo

### Palavras chave

Colonialismo, escravidão, nacionalismo, imperialismo, globalização, Estado-Nação

*A revista «Visioni LatinoAmericane», com saudade e gratidão, dirige seu pensamento ao Autor, que faleceu no dia 4 de abril de 2004. O amigo e mestre Octavio Ianni havia enviado o ensaio para Francesco Lazzari e Alberto Merler em julho de 1999, poucos anos antes de falecer (Itu-Sp 1926 - São Paulo 2004). A publicação deste trabalho de reflexão sobre as relações entre a América Latina e o resto do Ocidente pretende ser uma homenagem, pequena mas significativa, de amizade e agradecimento a um homem de probidade e gentileza, a um estudioso rigoroso e exigente, a um membro da Escola paulista que encontrou em Florestan Fernandes (1920-1995) o fundador e em Octavio Ianni um dos seus discípulos mais importantes. Uma geração de professores da Usp (Universidade de São Paulo) decisiva para aprofundar os estudos sociológicos no Brasil. Eles tornaram possível a muitos brasileiros conhecer melhor uns aos outros e de pôr a sociologia brasileira na atenção dos pesquisadores latinoamericanos e mundiais. Entre seus estudos de profundidade mais significativos estão as contribuições relativas à pluralidade étnica brasileira, à escravidão, ao desenvolvimento, às relações de classe, à globalização e à injustiça social. Homem de estudo rigoroso, mas também corajoso e simples, nunca se curvou aos abusos; em 1969, durante o regime autoritário da ditadura militar, foi aposentado compulsoriamente como professor da Usp com base no chamado AI-5, o ato institucional de 13 de dezembro de 1968 (revogado em 1979), que fechou o congresso e suspendeu direitos civis e políticos. Uma vez restabelecido como professor, ele se dedicou ao ensino e à pesquisa na Puc (Pontifícia universidade católica de São Paulo), e depois na Unicamp (Universidade de Campinas), onde trabalhou até 15 dias antes de morrer. O texto aqui apresentado propõe, mesmo se não houve nenhuma pesquisa nesse sentido, uma espécie de síntese do caminho reflexivo do mestre Ianni, com sua linguagem simples, mas incisiva, ao longo do caminho do Novo mundo, com deslumbramento ou desencantamento, entre colonialismo e escravismo, nacionalismo e imperialismo, globalização e crise do estado nação. Um fio vermelho que nos leva desde a gênese do Novo mundo, com todas suas tribulações e contradições, até a pós-modernidade atual.*

### Prólogo

O Novo mundo pode ser visto como um enigma que se reitera periodicamente, desafiando os seus habitantes e assinalando algumas configurações e alguns movimentos da história universal.

Ao lado de outros enigmas também notáveis, tais como os que se revelam e reiteram na história da África e da Ásia, assim como da Europa, isto é, do Velho mundo, o Novo mundo só aparentemente está situado, esclarecido, definido ou codificado. No fim do século vinte,

---

\* Professor emérito da Usp-Universidade de São Paulo e professor da Unicamp-Universidade de Campinas (Brasile) (Itu-Sp 1926 – São Paulo 2004).



quando já se anuncia o século vinte e um, o que foi e o que tem sido o Novo mundo continua a inquietar a vida e o pensamento de uns e outros, em todo o mundo, além dos seus próprios habitantes.

São vários os desafios que atravessam épocas, conjunturas, situações e rupturas, assinalando momentos mais ou menos fundamentais da história do que foi e do que tem sido o Novo mundo, tendo-se em conta as suas continuidades e descontinuidades, as suas condições e possibilidades, as suas guerras e revoluções, as suas revoluções e contra-revoluções, os seus projetos nacionais e os seus projetos continentais. Há toda uma multiplicidade e um emaranhado de realizações e frustrações, possibilidades e distorções, projetos e ilusões, que se desenham nos horizontes de uns e outros: nativos e adotivos, colonizados e colonizadores, nacionais e imigrantes, escravos e senhores, nacionalistas e imperialistas, capitalistas e socialistas. Podem estar na América Latina, anglosaxônica, sulamericana, central, do Norte, caribenha, indoamérica, afroamérica, hispanoamérica, lusoamérica e outras modulações da geohistória. Em suas condições, possibilidades e implicações sócio-culturais, políticas e econômicas, todos são desafiados a situar-se, orientar-se, compreender-se, definir-se, submeter-se ou emancipar-se.

São muitos e notáveis os refrões, slogans, consignas, palavras de ordem, projetos, ideais, ideologias, utopias, nostalgias e ilusões que sintetizam emblematicamente alguns dos enigmas que atravessam essa história: Paraíso e Eldorado, Novo mundo e América, Civilização e Barbárie, Raça cósmica e Continente mestiço, Bolívarismo e Monroísmo, Nuestra América e Hemisfério ocidental, Ocidente e Extremo ocidente, Indoamérica e Afroamérica.

Sim, há sempre algo de deslocado, desfocado, reflexo, exótico, anacrônico, eclético, bovarista, mimético, inautêntico ou carente de auto-consciência em muito do que podem ser os indivíduos e as coletividades, em suas originalidades e imitações, em seus progressos e decadência, em suas figurações e transfigurações, se tomamos o que foi e o que tem sido o Novo mundo.

Desde o primeiro instante, o Novo mundo já se acha em transformação. O descobrimento e a conquista são simultaneamente deslumbramento e desencantamento. Os relatos dos nativos, índios, aztecas, mayas, quetehuas, aymaras, guaranis, tupis, caribes e outros parecem estranhos e reconhecíveis. O que havia, como algo primordial, revela-se simultaneamente decifrável e indecifrável.

«Esta é a relação de como tudo estava em suspenso, tudo em calma, em silêncio; tudo imóvel, calado, e vazia a extensão do céu. Esta é a primeira relação, o primeiro discurso. Não havia ainda um homem, nem um animal, pássaros, peixes, caranguejos, árvores, pedras, cavernas, barrancas, ervas nem bosques: só o céu existia. Não se manifestava a face da terra. Só estavam o mar em calma e o céu em toda a sua extensão. Não havia nada junto, que fizesse ruído, nem coisa alguma que se movesse, nem agitasse, nem fizesse ruído no céu. Não havia nada que estivesse em pé: só a água em repouso, o mar manso, só, tranqüilo. Não havia nada dotado de existência»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Popol Vuh, *Las antiguas historias del Quiché*, trad. de Adrián Recinos, Fondo de Cultura Económica, México, 1984, p.85.



«O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo»<sup>2</sup>.

## 1. Deslumbramento ou desencantamento

A descoberta e a conquista do Novo mundo abala mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, tanto no Velho mundo como no Novo mundo. Todos são desafiados pela surpresa, inquietação, deslumbramento, estranhamento, desencantamento. Tudo parece igual e diferente, semelhante e exótico, conhecido e inominado, buscado e rejeitado. Os indivíduos e as coletividades nativos, assim como o reino vegetal e o reino animal, fascinam e incomodam, inquietam e desafiam. Desde os primeiros instantes, no Novo mundo as coisas, as gentes e as idéias parecem e desaparecem. Trata-se de um acontecimento excepcional, que rompe aos poucos ou drasticamente os quadros sociais e mentais de referência, compreendendo estilos de pensamento e visões do mundo.

Edmundo O'Gorman: «A ninguém escapam as revolucionárias conseqüências deste fato. É óbvio que bastava postular hipoteticamente a existência de uma 'quarta parte' para ferir a velha estrutura em sua própria razão de ser... Conceber que as novas terras formam a 'quarta parte do mundo', o que de fato se faz é conceber o mundo de uma maneira inteiramente distinta da idéia tradicional, ou seja, que em lugar da estrutura fechada de um 'mundo' localizado na Terra e constituído por três partes, com exclusão de qualquer outra parte possível, temos a estrutura aberta de um mundo que, de repente integrado por quatro partes, inclui em princípio o globo inteiro e geograficamente se confunde com ele... Esse é o momento em que o homem ocidental concebe a si próprio como o senhor nato do cosmos... Agora o problema consiste na necessidade de explicar a imprevisita presença de um ente, isto é, conferir-lhe um sentido e atribuir-lhe assim um ser dentro do marco de significado da visão vigente do mundo histórico. Mas, qual é, então, o sentido com que aparece de repente o novo continente no âmbito da história?»<sup>3</sup>.

John Huxtable Elliott: «Ao descobrir a América, a Europa se havia descoberto a si mesma. A conquista militar, espiritual ou intelectual do Novo mundo tornou-a consciente do seu próprio poder e do seu próprio alcance... Em torno de 1600, tendo conquistado a América e tendo-a incorporado dentro dos limites do seu mundo intelectual, os europeus podiam contemplar a terra com orgulho, conscientes da sua própria superioridade espiritual e técnica, da sua capacidade militar e do seu poder econômico»<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, trad. de Eliane Zagury, 20a edição, Editora Record, Rio de Janeiro, e/d, p.7.

<sup>3</sup> Edmundo O'Gorman, *La invención de América. El universalismo de la cultura do Occidente*, Fondo de Cultura Económica, México, 1958, pp.80-82.

<sup>4</sup> John Huxtable Elliott, *El Viejo mundo y el nuevo (1492-1650)*, trad. de Rafael Sánchez Mantero, Alianza Editorial, Madrid, 1934, pp.69-70. Consultar também: Antonello Gerbi, *La disputa del Nuevo mundo (1750-1900)*, trad. de Antonio Alatorre, Fondo de Cultura Económica, México, 1982; German Arciniegas, *América en Europa*, Plaza & Janes, Bogotá, 1980.



Há acontecimentos que se revelam particularmente emblemáticos, pela originalidade e fecundidade dos dilemas históricos e epistemológicos que suscitara. São acontecimentos que assinalaram uma transição mais ou menos fundamental no modo pelo qual se desenham o mapa do mundo e as formas de pensamento. Nem sempre é algo visível ou evidente na ocasião. Mais frequentemente, o acontecimento tende a ser reconhecido como marcante ao depois, aos poucos e inclusive de maneira polêmica. Em geral, são os desdobramentos posteriores do acontecido que provocam reavaliações, novas interpretações e, em certos casos, a descoberta de que o que ocorreu pode ter sido uma revolução.

Sim, há acontecimentos que podem ser tomados como emblemas de rupturas históricas excepcionais. Alteram mais ou menos drasticamente as configurações e os movimentos da geohistória, compreendendo relações, processos e estruturas político-econômicas e sócio-culturais. Alteram mapas, portulanos, cartografias ou atlas, modificando a situação ou os horizontes de indivíduos e coletividades.

Em alguns casos, os acontecimentos revelam-se contemporâneos de rupturas epistemológicas. Alteram mais ou menos radicalmente as configurações e os movimentos do pensamento científico, filosófico e artístico. Alteram o significado de conceitos e categorias, teorias e epistemologias, inaugurando figuras de linguagem, signos, símbolos e emblemas, envolvendo metáforas e alegorias.

Em geral, essas rupturas afetam de forma mais ou menos decisiva estilos de pensamento e visões do mundo. Provocam a crise e o abandono de convicções e ilusões, ao mesmo tempo que suscitam a emergência de outras convicções e ilusões. São rupturas históricas e epistemológicas que alimentam outras formas de compreensão e explicação, tanto quanto de ideologias e utopias, sem esquecer nostalgias e escatologias.

O Novo mundo é bem um produto e uma condição de uma ruptura histórica excepcional, acompanhada de implicações científicas, filosóficas e artísticas também notáveis. Surpreende, inquieta, fascina, deslumbra e desencanta. Sim, participa decisivamente do processo de desencantamento do mundo, como um momento primordial e seminal da modernidade, como emblema do modo pelo qual se inicia um novo ciclo da história.

Cabe reconhecer que a descoberta e a conquista do Novo mundo ocorre em uma época em que estão em curso a Renascença, a Reforma, a Contra-Reforma e Revolução científica. É toda uma configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura que está em causa nessa época. Os horizontes tanto se fecham como se transformam, anulam ou emergem, abandonam ou descortinam. Está em curso o declínio de um antigo, conhecido e codificado mapa do mundo; simultaneamente à formação de outro, novo, surpreendente, inquietante e fascinante. Afinal, descobre-se e incorpora-se a ‘quarta parte do mundo’, que talvez estivesse inscrita na imaginária simetria que povoava e povoa fantasias e mitos, como uma ‘Atlântida’ pretérita, incógnita e prometida. Está em curso o processo de desencantamento do mundo, em sentido literal e metafórico. O globo terrestre revela-se histórico, no sentido de produto e condição, constitutivo e constituinte da práxis coletiva e individual, nas quatro partes do mundo. Simultaneamente ao início da formação do capitalismo, à gênese do Estado-Nação e à organização das monarquias universais, inicia-se a modernidade, como modo de ser, pensar, sentir, agir,



compreender, explicar, imaginar e fabular. Está em curso a querela sobre os modernos e os antigos. Desde o primeiro momento, o Novo mundo irrompe como uma expressão fundamental do modernidade. Logo se insere nas realizações e reflexões, nos descobrimentos e desencantamentos, que assinalam a emergência de outras e novas formas de sociabilidade, diferentes modos de vida, inesperados jogos de forças sociais e surpreendentes formas de pensamento e imaginação. Estão em curso a secularização e a individuação, traduzindo a liberdade e a igualdade de proprietários de mercadorias organizados em contrato consensual ou formulado em termos jurídico-políticos.

Essa é a configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura na qual se formam e manifestam figuras e figurações marcantes, ou mesmo excepcionais, tais como as seguintes: Colombo e Vespúcio, Cortez e Malincha, Moctezuma e Cuahutemoc, Las Casas e Sepulveda, Maquiavel e Shakespeare, Copérnico e Giordano Bruno, Galileu e Bacon, Camões e Rebelais; sem esquecer Dom Quixote e Sancho Pança, o Príncipe e Hamlet, Próspero e Caliban, o Gigante Adamastor e a Índia misteriosa, as riquezas do Oriente e o ecumenismo da Cristandade. Todos estão inseridos em um clima do questionamento e desvendamento, tanto pela rejeição ou abandono como pela inauguração e adoção de práticas, convicções e ilusões.

São vários os enigmas particularmente emblemáticos com os quais se forma e transforma o Novo mundo, fazendo com que também ele se constitua como enigma, tanto em sua gênese como em suas metamorfoses.

No primeiro instante, enquanto momento primordial e seminal de toda a história, estão Colombo e Vespúcio. Expressam e simbolizam inquietações, ambições e ilusões com as quais o Velho mundo se defronta com o Novo mundo. Algo que se desdobrará e desenvolverá nos contrapontos Paraíso e Eldorado, ou Cristandade e Mercantilismo. Mas cabe reconhecer que Colombo estava mais para o religioso, místico ou cruzado enraizado na Idade média, ainda que como aventureiro em busca de territórios, conquistas, ouro. Ao passo que Vespúcio estava mais para as práticas e os ideais do mercantilismo. Um era um tanto medieval, ao passo que o outro renascentista; um situado na visão do mundo ptolomaica, geocêntrica, ao passo que o outro na visão do mundo copernicana, heliocêntrica. Vistos assim, em contraponto, expressam as inquietações, confusões e ilusões de uma Europa que inicia a sua longa marcha no clima da modernidade, mesclando cristianismo e mercantilismo, secularização e religião<sup>5</sup>.

Nessa mesma configuração histórico-social, colocam-se Las Casas e Sepulveda. Outra vez, estão em confronto e contraponto polarizações fundamentais sobre o que fazer, agora com os nativos do Novo mundo. Cabe reconhecê-los como humanos, respeitáveis, portadores de culturas diferentes e válidas, podendo ser superiores; capazes do revelar outras formas de sociabilidade, modos de vida, modos de ser, sentir, pensar, agir, expressar, explicar, imaginar, como diz Las Casas. Ou cabe classificá-los como selvagens, primitivos,

---

<sup>5</sup> Cristóvão Colombo, *Diários da descoberta da América*, trad. de Milton Person, L & PM Editores, Porto Alegre, 1984; Américo Vespúcio, *Novo mundo*, trad. de Luiz Renato Martins, L & PM Editores, Porto Alegre, 1984; Antonello Gerbi, *La naturaleza de las Indias nuevas. De Cristobal Colón a Gonzalo Fernandez de Oviedo*, trad. do Antonio Alatorre, Fondo de Cultura Economica, México, 1978; Tsvetan Todorov, *Fictions et vérités, «L'Homme»*, 111-112, Paris, 1989, pp.7-33.



destituídos de formas de sociabilidade convenientes, concepções e possibilidades de que se assemelhem aos europeus, isto é, cristãos, como quer Sepúlveda, Las Casas combate os que os escravizam, ao passo que Sepúlveda defende os escravocratas, considerando que escravizar os nativos é uma forma de submetê-los, organizá-los, ensiná-los, preparando-os para a civilização, isto é, a cristandade e o mercantilismo<sup>6</sup>.

Simultaneamente, coloca-se o confronto e o contraponto Cortez e Malinche. Já não se trata mais de europeus ou conquistadores, entre si, mas do conquistador, dominante, em face do colonizado, dominado. Este é outro, diferente e mais complicado enigma, Cortez faz com que Malinche se torne sua cúmplice: tradutora, traidora, intérprete, informante, negociadora, mediadora, educadora? Não é fácil responder, mesmo porque podem realmente ter sido diversas, complementares e contraditórias as suas conversações, atividades e maquinações. Esse é um enigma, ou uma coleção de enigmas, que talvez jamais se esclarecerão. Em todo o caso, o confronto e contraponto Cortez e Malinche desenvolve alguns significados fundamentais do descobrimento e da conquista. O malinchismo pode ser muita coisa. Revela que são muitas e diferentes as modalidades de negociação, associação, acomodação, cumplicidade, desentendimento, confronto e luta entre nativo e conquistador, colono e colonizador, nacional e imperialista, trabalhador e usurpador, indígena e europeu, negro e branco, operário e burguês ou escravo e senhor. São muitas e diferentes as figuras e figurações simbolizadas pelo emblema Cortez e Malinche, passando por Las Casas e Sepúlveda, Caliban e Próspero, Sexta Feira e Robinson Crusóé, além de muitos outros que povoam a história de povos e nações no curso das metamorfoses do Novo mundo<sup>7</sup>.

Em larga medida, a problemática colocada por Colombo e Vespúcio, Las Casas e Sepúlveda, Cortez e Malinche, Próspero e Caliban, Robinson Crusóé e Sexta Feira prossegue, desenvolve-se e transforma-se nas lutas nativistas, nacionalistas e socialistas, ou descolonizadoras e anti-imperialistas, assim como nos enclaves, economias primárias exportadoras, quarteladas, golpes de Estado, tiranias, experimentos democráticos ocasionais, revoluções nacionais e revoluções sociais. Esses os contextos nos quais se colocam os movimentos sociais, as lutas e os ideais de escravos, indígenas, africanos, operários, camponeses, mineiros e muitos outros, nos campos e cidades, no continente e nas ilhas. Esses, também, os contextos nos quais se colocam as atividades de Tupac Amaru, Zumbi, Bolívar, Hidalgo, Artigas, Frei Caneca, Alberdi, Sarmiento, Rodó,

---

<sup>6</sup> Juan Ginés de Sepúlveda e Fray Bartolomé de Las Casas, *Apologia*, trad. de Angel Losada, Editora Nacional, Madrid, 1975; Lewis Hanke, *La humanidad es una*, trad. de Jorge Avendaño-Inestrillas e Margarita Sepúlveda de Baranda, Fondo de Cultura Económica, México, 1974; David Brion Davis, *The Problem of Slavery in Western Culture*, Penguin Books, Londres, 1970.

<sup>7</sup> Silvio Zavala, *La filosofía política en la conquista de América*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993; Lepoldo Zea (compilador), *El descubrimiento de América y su impacto en la historia*, Fondo de Cultura Económica, México, 1991; Enrique Dussel, *1492 o encobrimento do outro. A origem do 'mito da modernidade'*, trad. de Jaime A. Clasen, Vozes, Petrópolis, 1993; Tzvetan Todorov, *A conquista da América. A questão do outro*, trad. de Beatriz Perrone Moisés, Martins Fontes Editora, São Paulo, 1983.



Euclides da Cunha, Maria-tegui, Sandino, Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e muitos outros, através do continente e das ilhas.

Os enigmas da modernidade aparecem de forma muito desigual, em diferentes realizações, inquietações, frustrações e ilusões de indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades, partidos e correntes de opinião, intérpretes e realizadores. Estão sempre presentes as descontinuidades, não-contemporaneidades, anacronismos, exotismos ou originalidades. Sob vários aspectos, o Novo mundo, em suas configurações e movimentos, parece um vasto laboratório de modos de ser e devir, ou realizações e frustrações de europeísmos, americanismos, ocidentalismos, nazifascismos, liberalismos e socialismos, sempre atravessados por catolicismos e protestantismos, de par-em-par com afroamericanismos, indigenismos, islamismos e outras expressões de uma ampla, intrincada e contínua transculturação.

Esta é a idéia: o Novo mundo nasce, desenvolve-se e transforma-se, ou articula-se, desarticula-se e rearticula-se sob o signo da modernidade. Sim, o modo pelo qual os enigmas se formam, sucedem e coexistem pode ser uma perspectiva fecunda para esclarecer o modo pelo qual o Novo mundo reflete, expressa, realiza e elide formas e possibilidades da modernidade. Sem esquecer que a modernidade pode ser vista como uma espécie de revolução permanente, atravessada por não-contemporaneidades, desenvolvimentos desiguais e contraditórios, retrocessos, decadências, dissoluções.

## 2. Colonialismo e escravismo

A história do Novo mundo pode ser vista como uma história de metamorfoses também surpreendentes. Algumas são radicais, em termos continentais, compreendendo também as ilhas caribenhas, ao passo que outras são principalmente nacionais; sem esquecer que umas e outras com frequência se mesclam. Vale a pena relembrar algumas das metamorfoses continentais, não só porque ressoam nas nacionais, mas também porque expressam algo, ou muito, do que têm sido as transformações mundiais. Em muitas ocasiões, são evidentes ou subjacentes as ressonâncias múltiplas, conjugadas ou desencontradas, entre transformações do alcance continental e nacional, passando pelo que pode ser local e regional, internacional e transnacional.

O Novo mundo nasce e desenvolve-se como produto e condição da acumulação originária, processo por meio do qual se inicia e desenvolve a metamorfose do dinheiro em capital, metamorfose que influencia decisivamente as condições sob as quais se dá a Revolução Industrial Inglesa. Além das grandes navegações, descobrimentos e conquistas, assim como do cristianismo, renascentismo e experimentalismo, cabe reconhecer o papel decisivo da acumulação originária, ou do que tem sido conhecido também como mercantilismo. Está em curso a gênese do capitalismo, envolvendo a busca de metais preciosos, especiarias, produtos tropicais, matérias-primas, formas compulsórias de organização do trabalho e produção, pirataria, intensa e generalizada reprodução mercantil e metamorfose do dinheiro em capital.



Um dos baluartes, se não o principal baluarte da acumulação originária, mercantilismo, colonialismo ou gênese do capitalismo, foi o escravismo. Diferentes formas de organização social e técnica do trabalho compulsório fundamentaram a formação e o desenvolvimento das colônias espanholas, portuguesas, inglesas, francesas e holandesas em todo o mundo; assim como fundamentaram a formação das sociedades mercantis, burguesas ou capitalistas na chamada Europa ocidental, compreendendo principalmente a Holanda, Inglaterra e França; sendo que a Espanha e Portugal, influenciados por tradicionalismos, estruturas jurídico-políticas centralizadoras e a mentalidade da Contra-Reforma, logo perderam os dinamismos da época inicial dos descobrimentos e conquistas. As monarquias ibéricas participam ativamente do expansionismo inicial do mercantilismo e cristianismo pelo mundo, mas logo começam a ser superadas pela Holanda e a Inglaterra.

Toda a história dos séculos dezesseis, dezessete e dezoito é uma história de escravismos no Novo mundo. Em pouco tempo, abandonam-se as ilusões sobre o Paraíso terrestre e afirmam-se as realidades do Eldorado: intensa e generalizada produção de metais preciosos, principalmente ouro e prata, especiarias, produtos tropicais tais como açúcar e tabaco, simultaneamente ao crescente comércio de produtos manufaturados e industriais europeus nas colônias. Simultaneamente, realizava-se programadamente a pirataria. E desenvolvia-se o comércio triangular, compreendendo a Europa, de onde saíam os barcos carregados de manufaturados e industriais, a África, aonde se descarregavam esses produtos e carregavam-se africanos e as colônias do Novo mundo, nas quais se trocavam os escravos africanos por metais preciosos, especiarias, açúcar, tabaco e outros produtos. Assim, formavam-se e desenvolviam-se as estruturas sócio-políticas, econômicas e culturais coloniais, acoplados com as metropolitanas.

«Nesse comércio triangular, a Inglaterra - da mesma maneira que a França e a América colonial - fornecia as exportações e os navios; a África, a mercadoria humana; as plantações, a matéria-prima colonial. O navio negreiro zarpava da metrópole com uma carga de artigos manufaturados. Estes eram trocados com lucro, na costa da África, por negros, que eram traficados nas plantações, com outro lucro, em troca de uma carga de produtos coloniais a ser transportada para a metrópole... O comércio triangular proporcionava assim um estímulo triplo à indústria britânica. Os negros eram adquiridos com artigos manufaturados britânicos; transportados para as plantações, produziam açúcar, algodão, anil, melão e outros produtos tropicais, cujo beneficiamento criava novas indústrias no Inglaterra; enquanto a manutenção dos negros e seus donos nas plantações propiciava outro mercado para a indústria britânica... Havia uma restrição - o monopólio. A filosofia econômica da época não dava oportunidade à 'porta aberta', e o comércio colonial era um rígido monopólio da metrópole. Os mercantilistas eram inflexíveis nesse ponto. As colônias, escreveu Davenant, constituem uma força para seu reino metropolitano, enquanto estiverem sob boa disciplina, enquanto forem obrigadas





rigorosamente a observar as leis fundamentais de seu país de origem e enquanto se conservarem dependentes dele»<sup>8</sup>.

Outra ruptura histórica excepcionalmente importante ocorre na transição do século dezoito ao dezenove, no âmbito das condições e conseqüências da Revolução Industrial Inglesa, da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, quando as monarquias universais da Espanha e Portugal sofrem séria derrota, na Europa e nas suas colônias, em todo o mundo. Nas colônias do Novo mundo intensificam-se e generalizam-se os movimentos nativistas e emancipacionistas, realizando-se a descolonização de grande parte das colônias. Formam-se os Estados Unidos da América do Norte, México, as várias repúblicas centro-americanas e sulamericanas, sem esquecer o formação de monarquia brasileira, como artifício político e simbólico de continuidade e legitimidade relativas a famílias monárquicas lusitanas e européias. As guianas e os povos caribenhos permaneceram colonizados, sob o domínio inglês, francês, holandês e espanhol. Em vários países novos a independência foi acompanhada da abolição formal da escravatura ou formas de trabalho compulsório. No sul dos Estados Unidos, em Cuba ainda colônia da Espanha e no Brasil a escravatura continuou por décadas.

Esse foi o contexto histórico-social, político-econômico e sócio-cultural em que as novas nações são levadas a elaborar as suas constituições nacionais, com os seus códigos, as suas leis e os seus regulamentos. Estão em causa as articulações entre a Sociedade civil e o Estado, espaços público e privado, trabalho livre e trabalho escravo ou compulsório, relações étnicas e de gênero, partidos políticos e associações, imprensa e opinião pública, poderes legislativo, executivo e judiciário, monopólios da violência pública e privada. Esse, também, foi o contexto em que se iniciaram as definições do que deveria ser considerada a história nacional e as suas tradições, os heróis e os santos, os feitos e as façanhas, os monumentos e as ruínas, a memória e o esquecimento. Foi assim que se oficializou a 'língua nacional', isto é, o espanhol (ou castelhano?), o português e o inglês, herdados do colonialismo britânico, português e espanhol. Foi assim que todas as línguas das populações nativas e africanas tornaram-se marginais, secundárias, dialetais ou não conspícuas. Aos poucos, em cada país, o discurso do poder, os debates parlamentares, as atividades docentes nas escolas, os jornais, as revistas, os livros e tudo o mais que se define como nacional, oficial, governamental ou público passa a expressar-se de conformidade com a gramática e o dicionário e os escritores canônicos herdados da metrópole. Aos poucos, a língua se revela, outra vez, como durante o período colonial, uma poderosa técnica de integração e administração, mudança e inovação, controle e opressão.

Note-se que a transição do século dezoito ao dezenove, quando se dá a formação de toda uma série de estados nacionais, as idéias principais dos movimentos e líderes políticos da independência são paráfrases, transcrições, recriações ou transfigurações de

---

<sup>8</sup> Eric Williams, *Capitalismo e escravidão*, trad. de Carlos Nayfeld. Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1975, pp.57, 58 e 61. Consultar também: Octavio Ianni, *Escravidão e racismo*, 2a edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1988; Artur Ramos, *As culturas negras no Novo mundo*, 4a edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1979.



idéias emancipacionistas, libertárias e abolicionistas de inspiração européia, compreendendo o escritos de iluministas, enciclopedistas e outros, como Adam Smith, David Ricardo, Rousseau, Harder e outros. Estão em curso idéias liberais, republicanas e jacobinas. Aí ressoam diferentes influências da modernidade que se desenvolve na Europa. São ressonâncias nas quais aparecem eufonias e cafonias, novidades e estridências, exotismos e carnavalizações.

«Foram determinadas as garantias mais perfeitas: a *liberdade civil* é a verdadeira liberdade; as demais são nominais ou de pouca influência em relação aos cidadãos. Garantiu-se a *segurança* pessoal, que é a finalidade da sociedade e da qual emanam as demais. Quanto à *propriedade*, ela depende do código civil que vossa sabedoria logo deverá compor, para a felicidade de vossos concidadãos. Conservei intacta a lei das leis: a *igualdade*; sem ela perecem todas as garantias, todos os direitos. A ela devemos fazer os sacrifícios. Aos seus pés coloquei, coberta de humilhação, a infame escravidão»<sup>9</sup>.

Mas a modernidade adquire formas e dinamismos diversos, muito diversos, se tomarmos as nações uma a uma, em suas peculiaridades sócio-culturais, político-econômicas, étnicas, geohistóricas. Cabe reconhecer que o dinamismo presente na história das nações iberoamericanas tem sido diverso e cada vez mais diverso do dinamismo presente na história dos Estados Unidos. Condições histórico-sociais, culturais e políticas diferentes na formação dos sistemas coloniais inglês e ibérico, ou espanhol e português, ao menos parcialmente estão na origem do modo pelo qual se organizam e dinamizam umas e outras nações.

Note-se que essa é a época em que se coloca o dilema compreendido pela formação dos Estados Unidos da América do Norte, como uma nação “diferente” das nações originárias dos sistemas coloniais espanhol e português. Quando se formam, os Estados Unidos polarizam-se em Três regiões distintas, com dinamismos diversos. Na sua região norte predominam uma economia e sociedade praticamente isentas de compromissos com o escravismo. Aí predomina o trabalho livre, a pequena propriedade, a disciplina do trabalho e da produção comprometidos com a realização dos indivíduos e coletividades, organizados em moldes de uma sociabilidade simultaneamente comunitária e mercantil; todos mais ou menos polarizados pela “ética protestante e o espírito do capitalismo”. Benjamin Franklin, um dos fundadores da nação, é o autor da frase “time is money”, entre outras com o mesmo espírito e as mesmas implicações práticas. No sul dos Estados Unidos predomina uma sociedade e economia baseadas no trabalho escravo, organizada para a exportação, principalmente para a Europa. As polarizações e oposições entre as formas de sociabilidade, os jogos das forças sociais e as dinâmicas econômicas acentuam-se e agravam-se no curso da primeira metade do século dezoito, o que leva à Guerra de secessão (1861-1865). No Oeste vivem principalmente populações indígenas, uma região que se revela uma vasta e rica fronteira de expansão

---

<sup>9</sup> Simón Bolívar, *Escritos políticos*, trad. de Jaques Mario Brand e Josely Vianna Baptista, Editora da Unicamp, Campinas, 1992, p.117. Consultar também: Túlio Halperin Donghi, *História da América Latina*, trad. de Carlos Nelson Coutinho, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976; Eric J. Hobsbawm, *A era das revoluções (1789-1848)*, trad. de Maria Teresa L. Teixeira e Marcos Penchel, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.



da economia e sociedade, organizadas principalmente com base nos princípios desenvolvidos na região norte. Vista assim, em forma brevíssima, a história dos Estados Unidos, desde fins do século dezoito aos fins do dezenove pode ser vista como uma história na qual se desenvolve a revolução burguesa, por meio da qual se constitui a nação; uma nação capitalista e expansionista, mas também atravessada por contradições regionais, de classes e castas; já que os problemas raciais subsistem e desenvolvem-se no longo da história, entrando pelo século vinte. Sim, os Estados Unidos são oriundos literal e metaforicamente da Reforma, isto é, das várias tendências oriundas do luteranismo e calvinismo, crescentemente secularizados. Sem esquecer as inspirações do mercantilismo britânico.

Nas nações formadas na América Latina, oriundas do colonialismo espanhol e português, a economia e a sociedade estão influenciadas pelo mercantilismo, o escravismo, a grande propriedade, as civilizações indígenas e as contribuições das nações africanas escravizadas. Aí predominaram ou mesmo dominaram as distinções de castas: senhores e escravos, brancos e negros, índios e brancos, mestiços em diferentes hierarquizações sociais. Em alguma medida, além das heranças ibéricas, todas essas nações formam-se sob a proteção, o incentivo ou até mesmo as fórmulas de organização oferecidas pelo imperialismo inglês. São nações nas quais estão presentes catolicismo, africanismo, indigenismo e hispanismo ou lusitanismo. Sim, as nações latino americanas são oriundas, literal e metaforicamente, da Contra-Reforma; sem esquecer as peculiaridades do mercantilismo ibérico.

Essa é uma história que não se resolve, principalmente desenvolve-se. Algumas das suas heranças continuam a ressoar através de todo o século vinte, freqüentemente de formas decisivas.

Bonfil: «A diversidade cultural da sociedade mexicana remete, em última instância, à presença antagonica de duas civilizações. Nos extremos da sociedade, o contraste e a oposição são evidentes e totais: a velha oligarquia aristocratizante e os seus epígenos tecnocratas da modernidade, frente às comunidades índias que conservam a sua própria identidade»<sup>10</sup>.

Arguedas: «As comunidades ainda isoladas de índios, não conhecem do Peru senão a bandeira. Não sabem sequer pronunciar o nome da sua pátria; o universo se encerra para eles nos limites do distrito; não conheciam e não conhecem, quase todas elas, o nome da província, muito menos o do departamento. 'Bandeira peruana!' sim, sabe dizer. E intentam proteger-se com ela das incursões dos fazendeiros, das autoridades políticas e das policiais. E a agitam quando se sentem felizes»<sup>11</sup>.

Oliveira Silveira: *Charqueada grande*

«Um talho fundo na carne do mapa:

Américas e África margeiam.

Um navio negreiro como faca:

<sup>10</sup> Guillermo Bonfil Batalla, *México profundo. Una civilización negada*, Grijalbo, México, 1990, p.95.

<sup>11</sup> José Maria Arguedas, *Todas las sangres*, Alianza, Madrid, 1982, p.272.



mar de sal, sangue e lágrimas no meio.

Um sol bem tropical ardendo forte,  
ventos alíseos no varal dos juncos  
e sal e sol e vendo sul no corte  
de uma ferida que não seca nunca»<sup>12</sup>.

### 3. Nacionalismo e imperialismo

No século vinte, o que predomina é o empenho de cada uma e todas as nações da América Latina e Caribe no sentido de formular, pôr em prática e desenvolver *projetos nacionais*, orientados de modo a concretizar e desenvolver a emancipação e a soberania nacionais. Em sua maioria, são projetos de capitalismo nacional, em diferentes versões, Alguns, no entanto, como os de Cuba, Nicarágua, Granada e Chile, são socialistas, também em diferentes versões.

A rigor o século vinte está permeado e atravessado de guerras e revoluções, golpes e contra-golpes, revoltas e quarteladas, muitas vezes envolvendo incursões abertas ou encobertas dos imperialismos norte-americano, inglês, alemão e francês, sem esquecer incursões italianas, japonesas ou outras. São crises, rupturas, retrocessos e retomadas desenhando trajetórias erráticas, por suas implicações, realizações ou ilusões político-econômicas e sócio-culturais; tendo-se em conta os jogos das forças sociais em âmbito interno e externo compreendendo várias modalidades de projetos nacionais, ou nacionalismos, e imperialismos.

Nesse vasto e complicado cenário histórico que é o século vinte, os projetos nacionais não se formulam nem se põem em prática sem muitas negociações, lutas, conflitos, frustrações e realizações. Defrontam-se com os interesses e as tradições das oligarquias comprometidas com economias primárias exportadoras, empenhadas em manter o 'modelo' agrário-comercial, as estruturas de poder estabelecidas às vezes desde a independência, os monopólios político-econômicos nos quais se incluem as agências governamentais. Também defrontam-se com os interesses dos imperialismos europeus, dentre os quais sobressai, para a América Latina e o Caribe, o inglês; e o imperialismo norte-americano. Todos empenhados em manter e desenvolver os fluxos das economias primárias exportadoras, sob um discurso político-econômico de estilo liberal.

Cabe reconhecer, no entanto, que alguns projetos nacionais alcançaram notáveis realizações. Iniciaram e desenvolveram a industrialização, a urbanização, a democratização do sistema de ensino, a reforma agrária e outras mudanças. Promoveram a interiorização de centros decisórios, através de medidas efetivas no âmbito da economia e finanças, bem como por meio de negociações diplomáticas e, também, exigências ou mesmo fatos consumados, em face de práticas colonialistas ou imperialistas.

---

<sup>12</sup> Oliveira Silveira, *Charqueada grande*, publicado por Oswaldo de Camargo (seleção e organização), *A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros*, Edições Grd, São Paulo, 1986, p.65.



Em poucas décadas, em alguns países realiza-se a transformação de economias primárias exportadoras, ou de enclaves, em economias baseadas na industrialização substitutiva de importações. Assim se efetiva toda uma ampla e às vezes profunda transformação das estruturas sociais, quando as heranças das estruturas coloniais, de castas, começaram a ser recobertas ou dissolvidas, já que as estruturas de classes adquirem maior dinamismo e tendem a generalizar-se pelas diferentes partes da sociedade.

Essa é, em parte, a história do cardenismo oriundo da Revolução mexicana iniciada em 1910; do varguismo formado a partir da 'Revolução de 1930' no Brasil, quando o Estado oligárquico sofre uma séria derrota; do peronismo, com o qual se articulam e desenvolvem as alianças e as propostas do capitalismo nacional formuladas ao fim da segunda grande guerra mundial. Esses e outros nacionalismos, inspirados em projetos de capitalismo nacional, tornam-se realidades políticas fundamentais na América Latina, desde os anos trinta. Em sua fase inicial, devido aos êxitos desses nacionalismos, a Comissão econômica para a América Latina (Cepal) esteve bastante comprometida com a idéia e prática de capitalismo nacional.

Na maioria dos casos, os projetos nacionais são projetos de capitalismo nacional. Foram projetos apoiados em blocos de poder emergentes, combinando setores burgueses, de classes médias, operários, camponeses e intelectuais. Uma aliança de classes sociais, ou setores de classes, em formação ou em fase de amadurecimento, em luta por transformações sócio-culturais e político-econômicas mais ou menos frontalmente anti-imperialistas; em busca de novas perspectivas e afirmações de soberania, conquistas sociais, democratização.

Em larga medida, os projetos nacionais de cunho socialista emergem no mesmo clima histórico-social, apoiados em jogos de forças sociais nos quais predominam setores populares, bem como compromissos e práticas políticas mais radicais. Mais radicais em termos de planejamento econômico-social orientado a partir do poder estatal, redistribuição mais ampla dos produtos do trabalho coletivo, anti-imperialismo e luta contra os aliados internos do imperialismo. Em termos diversos, mas nessa direção, é o que se define como castrismo, allendismo e sandinismo, enquanto projetos socialistas que alcançam o poder nacional. São também diversos os movimentos socialistas que participam ativamente do debate sobre as diretrizes nacionais, colaborando na fermentação de alternativas, a despeito de não alcançarem o poder nacional.

Vistos em perspectiva histórica ampla, os projetos de capitalismo nacional e socialismo nacional sofrem graves distorções, sendo que alguns são literalmente derrotados e destruídos, devido à contra-revolução mundial orquestrada pelos governantes dos Estados Unidos, da Europa ocidental e do Japão, no âmbito da Guerra fria iniciada em 1946 e terminada em 1989, com a queda do Muro de Berlin. A 'diplomacia total' formulada e posta em prática principalmente pelos governantes norte-americanos bloqueia, distorce, mutila ou destrói projetos nacionais em todo o mundo, incluindo-se aí os que se exercitaram na América Latina e Caribe.

Cabe lembrar, neste ponto, que a Guerra fria, orquestrada pela diplomacia total formulada e posta em prática pelos governantes dos Estados Unidos, desenvolveu-se também como uma contra-revolução mundial. Bloqueou, mutilou e destruiu experimen-



tos políticos nacionais em todo o mundo; sempre contando com a passividade e cumplicidade de setores sociais 'nativos', em geral beneficiários de alianças ou negócios com o imperialismo. Também as nações da América Latina e Caribe, individual e coletivamente, foram atingidas pela contra-revolução desenvolvida por dentro da Guerra fria. Desestabilizaram-se governos, incentivaram-se violências de todos os tipos, formaram-se esquadrões para-militares clandestinos para ações de terrorismo de Estado, organizaram-se operações interamericanas para assassinato de lideranças políticas, satanizaram-se partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública; além de muitas outras ações abertas ou encobertas de cunho nazi-fascista, combinando recursos materiais, organizatórios e profissionais das agências governamentais ou para-governamentais norte-americanas. O que estava em causa era o comunismo, o marxismo-leninismo, a civilização ocidental cristã, a revolução social, a influência soviética, a perda de fontes de matérias-primas, a perda de mercados, a geoeconomia, a geopolítica<sup>13</sup>.

Durante a Guerra Fria, o América Latina e o Caribe, tanto quanto a África, Ásia e Oceania, sem esquecer a própria Europa Ocidental e os próprios Estados Unidos, pagaram um altíssimo preço, devido ao modo pelo qual principalmente os governantes norte-americanos conduziram a sua diplomacia total.

*Nunca mais*: «Em nome da segurança nacional, milhares e milhares de seres humanos, geralmente Jovens e até adolescentes, passaram a integrar a categoria tétrica ou fantasmagórica: a dos Desaparecidos... Levados pela força, deixarem de ter presença civil... No que se refere à sociedade, ia enraizando-se a idéia da desproteção, o obscuro temor de que qualquer um, por inocente que fosse, poderia cair naquela infinita caça às bruxas, apoderando-se de uns o medo aterrador e de outros uma tendência consciente ou inconsciente a justificar o horror: 'Por algum motivo será', murmurava-se em voz baixa, como querendo assim propiciar aos terríveis e inescrutáveis deuses, olhando como empestados os filhos ou pais do desaparecido... O delírio semântico, encabeçado por qualificações tais como 'marxismo-leninismo', 'apátridas', 'materialistas e ateus', 'inimigos dos valores ocidentais e cristãos', tudo era possível: desde gente que favorecia uma revolução social até adolescentes sensíveis que iam às favelas para ajudar seus moradores. Todos caíam na rede. (...). Contam-se por milhares as vítimas que jamais tiveram qualquer vínculo com tais atividades e foram, no entanto, objeto de horrendo suplício, por sua oposição à ditadura militar, por sua participação em lutas sindicais ou estudantis, por tratar-se de reconhecidos intelectuais que questionaram o terrorismo de Estado, ou simplesmente por vínculos familiares, de amizade; ou por estarem mencionados na agenda de alguém considerado subversivo»<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Martin Walker, *The Cold War. And the Making of the Modern World*, Vintage, Londres, 1994; Richard J. Barnett, *Intervention and Revolution. America's Confrontation with Insurgent Movements Around the World*, Meridian Books, Nova York, 1968; Pablo González Casanova, *Imperialismo y liberación en América Latina*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1978; Agustín Cueva, *El desarrollo del capitalismo en América Latina*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1979.

<sup>14</sup> *Nunca mas*, Informe de la Comisión nacional sobre la desaparición de personas, Editorial Universitaria de Buenos Aires, Buenos Aires, 8a edição, 1985.



La noche de Tlatelolco: «Jaziam os cadáveres no chão de concreto, esperando que os levassem. Conteí muitos desde a janela, cerca de sessenta e oito. Iam amontoando-os sob a chuva... Eu recordava que Carlinhos, meu filho, vestia uma blusa de tecido verde e a cada cadáver acreditava reconhecê-la... Nunca esquecerei a um infeliz menino, com mais ou menos dezesseis anos, que chega arrastando-se pelo edifício da esquina, mostra sua cara pálida e levanta as duas mãos com o V da vitória. Estava totalmente fora de si; não sei o que pensava, talvez pensou que quem disparava eram também estudantes. Então os de luvas brancas lhe gritaram: ‘Sai daqui, moleque estúpido, saia, não está vendo? Saia’. O menino levantou e, sem desconfiar, aproximou-se deles. Dispararam em seus pés, mas continuou avançando; seguramente não entendia o que se passava e atiravam nas pernas e nas coxas. Tudo o que recordo é que em vez de brotar aos jorros, o sangue começou a sair mansamente. Mercedes e eu nos pusemos a gritar-lhes como loucas: ‘Não o matem!... Não o matem!... Não o matem!’ Quando viramos para a calçada, já não estava o menino. Não sei se correu, apesar de ferido, não sei se caiu, não sei o que aconteceu com ele»<sup>15</sup>.

#### 4. Globalização e crise do Estado-Nação

Quando termina a Guerra fria, com a dissolução do bloco soviético, intensifica-se ou estende-se o desenvolvimento do capitalismo. As nações que haviam experimentado projetos socialistas transformam-se em espaços do mercado mundial, no qual predominam as empresas, corporações e conglomerados transnacionais. Está em curso um novo ciclo de globalização do capitalismo, que atinge mais ou menos drasticamente tanto a América Latina e o Caribe como a Ásia, África e Europa central e oriental. Inclusive a Europa ocidental, o Japão e os Estados Unidos são envolvidos nos processos e estruturas deflagrados com a globalização do capitalismo desenvolvida por dentro da Guerra fria e acelerada com a transformação do mundo socialista em uma vasta fronteira de desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo.

Esse é o cenário histórico ou, mais propriamente, geohistórico, no qual o Fundo monetário internacional (Fmi), o Banco mundial (Bird) e a Organização mundial do comércio (Omc), bem como as corporações transnacionais pressionam estados nacionais a promoverem reformas políticas, econômicas e sócio-culturais, envolvendo amplamente instituições jurídico-políticas, destinadas a favorecer a dinâmica das forças produtivas e relações capitalistas de produção. Esse o clima em que a reforma do Estado se torna a palavra de ordem predominante em todo o mundo.

São diversas, diferentes e insistentes as pressões externas e internas destinadas a provocar a reestruturação do Estado. Trata-se de promover a desestatização e desregulação da economia nacional; simultaneamente, promover a privatização de empresas produtivas estatais e dos sistemas de saúde, educação e previdência. Além disso, abrem-

---

<sup>15</sup> Margarida Nolasco, antropóloga, em depoimento transcrito por Elena Poniatowska, *La noche de Tlatelolco. Testimonios de historia oral*, 53a edição, Ediciones Era, México, 1996, pp.172-173.



se os mercados, facilitam-se as negociações e associações de corporações transnacionais com empresas nacionais. Muitas conquistas sociais de diferentes categorias operárias e outros assalariados já foram ou estão sendo redefinidas, reduzidas ou mesmo eliminadas, sempre a partir de palavras de ordem tais como 'mercado', 'produtividade', 'competitividade'; com graves prejuízos para os que são obrigados a vender a sua força de trabalho para viver ou sobreviver.

O que está em causa, na base da política de reestruturação do Estado, destinada a criar o Estado mínimo e decretar a formação de 'mercados emergentes', é a destruição de projetos de capitalismo nacional e de socialismo nacional; bem como a transformação dessas nações em províncias do capitalismo global. Em lugar do projeto nacional, capitalista ou socialista, o projeto de capitalismo transnacional, transnacionalizado, administrado desde o alto e desde fora<sup>16</sup>.

Sim, a nação se transforma em mera província do capitalismo mundial, sem condições de realizar sua soberania e, simultaneamente, sem que os setores sociais subalternos possam almejar a construção de hegemonias alternativas. Um Estado-Nação em crise, amplamente determinado pelo jogo das forças produtivas predominantes em escala mundial, dispõe de escassas ou nulas condições para manifestar ou conquistar soberania. Nesse Estado-Nação, as classes e os grupos sociais subalternos terão de criar e desenvolver outras e novas formas de organização, conscientização e luta, para formular e pôr em prática hegemonias alternativas.

Sem esquecer que grande parte da vida política, em âmbito local, nacional, regional e mundial, é dominada ou induzida pela mídia, isto é, pelas corporações da mídia, em geral controladas por grupos e blocos de poder predominantes em escala mundial<sup>17</sup>.

Esse é o contexto em que se verifica uma crescente e generalizada dissociação entre o Estado e a Sociedade civil. Amplos setores da Sociedade civil, compreendendo classes e grupos sociais, são alijados, barrados, esquecidos ou desafiados a situarem-se e moverem-se apenas ou principalmente nos espaços do mercado. Na medida em que o privatismo e o economicismo predominam mais ou menos absolutos não só na economia e finanças, mas também na educação, saúde, habitação, transporte, relações de trabalho e previdência, fica evidente que grande parte do que se pode denominar de Sociedade civil é desafiada a sobreviver, organizar-se e conscientizar-se elaborando novos meios de luta para influenciar ou conquistar o poder<sup>18</sup>.

Ocorre que o metabolismo Estado e Sociedade civil, que se havia criado e desenvolvido com a criação e o desenvolvimento de projetos nacionais, esse metabolismo se rompe, mutila ou simplesmente esfacela, com a adoção de projetos de capitalismo

<sup>16</sup> Alfredo Guerra-Borges (coord.), *Nuevo orden mundial: Reto para la insercion de América Latina*, Instituto de Investigaciones Económicas, Unam, México, 1994; «Cuadernos Arcie-Lom», *Globalización, modernización y equidad en América Latina*, Santiago, 1997.

<sup>17</sup> Stefano Rodotà, *Tecnopolítica*, Editori Laterza, Roma-Bari, 1997.

<sup>18</sup> Octavio Ianni, *A era do globalismo*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997. Jeremy Brecher, John Brown Childs and Jill Cutler (Editors), *Global Visions. Beyond the New World Order*, South End Press, Boston, 1993; Doctors Without Borders, *World in Crisis. The Politics of Survival at the End of the Twentieth Century*, Routledge, Londres, 1997.





transnacionalizado, fortemente determinados pelos processos e as estruturas predominantes no capitalismo global. Daí a dissociação Estado e Sociedade civil, uma anomalia com sérias implicações práticas e teóricas.

A dissociação entre Estado e Sociedade civil, conforme ocorre sob o neoliberalismo, torna o Estado muito mais comprometido com tudo o que é transnacional, mundial ou propriamente global, reduzindo-se o seu compromisso com as inquietações, reivindicações ou tendências dominantes na Sociedade civil. Amplos setores da Sociedade civil são desafiados a situarem-se na lógica de um mercado, ou de mercados, nos quais a força e o domínio das corporações transnacionais dificulta ou simplesmente anula a capacidade de negociação de diferentes categorias de assalariados. Simultaneamente, os partidos políticos, os sindicatos e os movimentos sociais das classes e grupos sociais subalternos são colocados em desvantagem, por sua reduzida capacidade de mobilizar recursos materiais e organizatórios para movimentar as reivindicações de amplos setores da sociedade. Sem esquecer que a mídia, isto é, as corporações da mídia transnacional e transnacionalizada predominam no debate, equacionamento, decisão e implementação de grande parte do que se refere à política; isto é, assuntos relativos à soberania e à hegemonia, passando por democracia e cidadania. Assim, enquanto a maioria da Sociedade civil sente-se, define-se e atua enquanto nacional, o Estado é levado a comprometer-se e atuar em termos das injunções do que é transnacional. Sim, sob o neoliberalismo, quando se dá a dissociação entre o Estado e a Sociedade civil, o Estado adquire todas as características de um aparelho administrativo das classes e grupos dominantes, ou dos blocos de poder predominantes em escala mundial. Trata-se de um Estado comprometido principalmente com a abertura e a fluência dos 'fatores de produção' nos mercados, tendo em conta os dinamismos do capital produtivo e especulativo, bem como das tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, além dos movimentos do mercado de força de trabalho; tudo isso conforme as sugestões, injunções ou imposições das corporações transnacionais, em geral secundadas pelo Fundo monetário internacional, Banco mundial, Organização mundial do comércio, Grupo dos 7, Organização para cooperação e desenvolvimento econômico (Oede) e outras organizações empenhadas em favorecer a dinâmica dos 'fatores da produção'; com escassa ou nula atenção por suas implicações ou custos sociais.

Esse processo de dissociação é evidente nos países da América Latina e Caribe, revelando-se mais ou menos acentuado em países da África, Ásia, Europa central e Europa de Leste; é também evidente na Europa ocidental e na América do Norte, compreendendo os Estados Unidos e o Canadá. É claro que a dissociação, a rearticulação, o desencontro e muitas vezes o confronto entre a maior parte da Sociedade civil e as tendências predominantes no Estado não se revelam semelhantemente em todas as partes. Em muitos, o problema logo fica evidente no que se refere à indiferença ou incapacidade do Estado de fazer face ao desemprego estrutural e ao agravamento da questão social. Em outros, e esse é o caso dos Estados Unidos, o problema logo fica evidente pelo desinteresse crescente de amplos setores da população pelo político e pelo processo eleitoral, o que se concretiza na altíssima abstenção dos eleitores. Sem esquecer que nos Estados Unidos, assim como em



outras nações do Grupo dos 7, muitos, imigrantes de todos os tipos, são barrados pela xenofobia, etnicismo, racismo e fundamentalismo.

Sim, também na América Latina e Caribe são muitos os que não são aceitos, ou são apenas tolerados, o que coloca negros, mulatos, índios, criolos, cholos e outros na condição de ‘outros’, ‘diferentes’, ‘não integrados’<sup>19</sup>.

A rigor, o Estado-Nação sempre foi e continua a ser uma realidade problemática, atravessada por processos de integração e dissociação, desenvolvimento e distorção, acomodação e fragmentação. A questão nacional continua a desafiar indivíduos e coletividades, em termos práticos e teóricos. São poucas as nações, e em momentos nem sempre duradouros, que alcançaram ou alcançam razoável integração entre a Sociedade civil e o Estado. Na maioria dos casos, subsistem tensões, antagonismos e contradições muitas vezes profundos, umas vezes no âmbito de regimes democráticos e, na maioria dos casos, em regimes autoritários, tirânicos ou nazi-fascistas. As longas e famosas tiranias que atravessam a história da América Latina e Caribe comprovam uma história de dissociações reiteradas e demoradas, oligárquicas, populistas, militaristas ou outras; em geral alimentadas, apoiadas ou mesmo criadas pela combinação de imperialismos com os seus aliados nativos.

Talvez se possa afirmar que a dissociação Estado e Sociedade civil seja algo congênito, algo inerente à questão nacional, já que a nação sempre foi, e continua a ser, um processo histórico-social problemático. A novidade, na época da globalização do capitalismo, quando o neoliberalismo se torna a prática e ideologia predominante em escala mundial, é que essa dissociação adquire profundidade e extensão sem precedentes, transformando amplos setores da Sociedade civil em deserdados, não só de condições e possibilidades de soberanias e hegemônias, mas também de bases sociais indispensáveis à sobrevivência.

Nessa situação, indivíduos e coletividades, compreendendo grupos e classes sociais, etnias e gêneros, são desafiados a criar ou recriar movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos, bem como formular novas interpretações e novos meios de conscientização e atuação, para fazer com que a Sociedade civil caminhe no sentido de influenciar, conquistar ou educar duramente o poder estatal. Para isso, pode ser indispensável que as classes e os grupos sociais subalternos de diferentes países, próximos e distantes, se associem, organizem, conscientizem. Trata-se de somar e multiplicar experiências e vivências, organizações e conscientizações, reivindicações e lutas, de modo a fortalecer e dinamizar a globalização desde baixo<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> José Maria Argüidas, *Formación de una cultura nacional indoamericana*, seleção e prólogo de Angel Rama, Sigilo Veintiuno Editores, México, 1977; José Alcina Franch (Org.), *Indianismo e indigenismo*, Alianza Editorial, Madrid, 1990; Magnus Morner, *Race Mixture in the History of Latin America*, Little Brown and Co., Boston, 1967; Roger Bastide, *As Américas negras*, trad. de Eduardo de Oliveira e Oliveira, Difel, São Paulo, 1974.

<sup>20</sup> Pablo González Casanova, *O colonialismo global e a democracia*, trad. de Márcia Camargo Cavalcanti, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995; Pablo González Casanova e John Saxe-Fernández (Organizadores), *El mundo actual: situación y alternativas*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996; Tomas Moulian, *Chile actual. Anatomia de un mito*, Lom-Arcis, Santiago, 1998; Geronimo de Sierra



## 5. Epílogo

Talvez se possa dizer que o que foi e o que tem sido o Novo mundo continua polarizado pelo que se supõe sintetizar-se na idéia de modernidade. A modernidade pode ter algo a ver com moderno, modernização ou modernismo, no sentido de modo de vida, trabalho e cultura correspondentes ao que se supõe ser o padrão mais desenvolvido, avançado, contemporâneo, conspícuo. Simultaneamente, a modernidade pode ter algo a ver com democracia e tirania, elite e massa, povo e cidadania, alienação e emancipação, reforma e revolução ou capitalismo e socialismo. Em todos os casos, a modernidade envolve algo de secularização, urbanização, industrialização, individuação, liberação. Trata-se de um conceito que pode traduzir-se na idéia de iluminismo e romantismo, tanto quanto de racionalismo e pragmatismo ou liberalismo e marxismo. É possível ir longe nessa estrada, especificando e desdobrando o conceito, as realizações, as conquistas e as ilusões. Mas é inegável que tudo isso entra no que podem ser os dilemas e as metamorfoses do que foi e tem sido o Novo mundo. Mais ainda, tudo isso entra decisiva e radicalmente nas diversidades e polarizações que se observam no que resulta da história do Novo mundo no fim do século vinte, quando já se anuncia o vinte e um.

São nítidas, drásticas, impressionantes e fascinantes as polarizações que se observam, não só entre umas e outras nações, mas também no interior de cada nação. É como se elas estivessem ainda em formação, ou dissolução, buscando realizar-se em condições sempre diversas e insuspeitadas, de tal modo que dão a impressão de nebulosas em busca de forma e fisionomia, algo simultaneamente possível e impossível, real e ilusório.

A despeito da supremacia norte-americana na América latina e Caribe, por seu imperialismo, com implicações não só político-econômicos mas também sócio-culturais, é inegável que também nos Estados Unidos subsistem e reiteram-se debates e inquietações sobre o seu diálogo com o Ocidente e o Oriente, o Iluminismo e a Modernidade, o Ocidentalismo e/ou o Americanismo dos próprios Estados Unidos. Simultaneamente, em alguns setores sociais norte-americanos, desenvolvem-se reflexões críticas sobre o modo pelo qual os governantes norte-americanos relacionam-se com os outros povos, a começar pelos latinoamericanos e caribenhos. Há questionamentos sobre o ‘destino manifesto’, a ‘teoria da fronteira mundial’, a idéia de ‘núcleo mais ativo do ocidentalismo’, a proposta de ‘missão civilizatória e policial’ dos Estados Unidos no mundo. Alguns chegam à crítica do fundamentalismo calvinista mesclado de darwinismo social presente e ativo, explícito ou difuso, em manifestações da indústria cultural e, em alguns casos, do próprio pensamento social norte-americano<sup>21</sup>.

---

(compilador), *Democracia emergente en América del Sur*, Unam, México, 1994; Carlos M. Vilas, *América Latina en el Nuevo orden mundial*, Centro de Investigaciones Inter-disciplinarias, Unam, México, 1994.

<sup>21</sup> Richard Hofstadter, *Social Darwinism in American Thought*, Beacon Press, Boston, 1967; Richard Hofstadter, *O antiintelectualismo dos Estados Unidos*, trad. de Hamilton Trevisan, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967; George Steiner, *Pasión intacta*, trad. de Menohu Gutiérrez e Encarna Castejón, Ediciones Siruela, Madrid, 1997.



No que se refere à América Latina, sempre compreendendo o Caribe, a grande maioria dos indivíduos e coletividades está mais ou menos desafiada pelas inquietações, realizações ou ilusões da modernidade, evidentemente em diferentes acepções. Desde o primeiro instante, há sempre alguma preocupação com o que pode ser atual, presente, contemporâneo ou moderno, tanto quanto o que pode ser europeu, ocidental, cristão, capitalista ou socialista. O mercantilismo e o cristianismo, assim como o colonialismo e o nacionalismo, tanto quanto o imperialismo e o globalismo, podem ser vistos como diferentes configurações histórico-sociais nas quais indivíduos e coletividades buscam algum tipo de modernidade.

São muitas as interrogações sobre a originalidade ou não, síntese ou combinação, mescla ou transculturação, do modo de ser latino-americano. Sob certos aspectos, essas são interrogações presentes ou subjacentes em narrativas científicas, filosóficas e artísticas. As várias linguagens artísticas, assim como as diferentes ciências sociais e as distintas correntes de pensamento filosófico, são desafiadas a responder, comentar, repetir ou desenvolver as interrogações sobre o 'ser' latino-americano. São muitos os que se interrogam, crescentemente, no curso das metamorfoses do que foi e do que tem sido o Novo mundo<sup>22</sup>.

Há toda uma gama de polarizações e nuances sobre a originalidade e a caricatura, a imitação e a invenção, a mimesis e a representação ou o criador e a criatura. Em todos os casos, há algum tipo de reconhecimento, aceitação, rejeição ou transfiguração do que pode ser a ocidentalidade ou o ocidentalismo, significando modernismo ou modernidade, sempre na ilusão da contemporaneidade, lembrando que a contemporaneidade em geral parece encontrar-se em outro lugar, algo que pode ser real e imaginário.

## Referências bibliográficas

- «Cuadernos Arcie-Lom», *Globalización, modernización y equidad en América Latina*, Santiago, 1997.
- Arciniegas German, *América en Europa*, Plaza & Janes, Bogotá, 1980.
- Arguedas José María, *Todas las sangres*, Alianza, Madrid, 1982.
- Argüedas José María, *Formación de una cultura nacional indoamericana, selección e prólogo de Angel Rama*, Sigilo Veintiuno Editores, México, 1977.
- Barnet Richard J., *Intervention and Revolution. America's Confrontation with Insurgent Movements Around the World*, Meridian Books, Nova York, 1968.

---

<sup>22</sup> Augusto Salazar Bondy, *Existe una filosofía de Nuestra América?*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1968; Leopoldo Zea, *Dialéctica de la conciencia americana*, Alianza Editorial Mexicana, México, 1976; José Carlos Mariátegui, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, Biblioteca Amauta, Lima, 1965; José Lezama Lima, *A expressão americana*, trad. de Irlomar Chiampi, Editora Brasiliense, São Paulo, 1938; José María Arguedas, *Formación de una cultura indoamericana, op. cit.*; João Cruz Costa, *Contribuição à história das idéias no Brasil*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956; Richard Morse, *O espelho de Próspero*, trad. de Paulo Neves, Companhia das Letras, São Paulo, 1988; Miguel Rojas Mix, *Los cien nombres de América*, Editorial Lumen, Barcelona, 1991.



- Bastide Roger, *As Américas negras*, trad. de Eduardo de Oliveira e Oliveira, Difel, São Paulo, 1974.
- Bolívar Simón, *Escritos políticos*, trad. de Jaques Mario Brand e Josely Vianna Baptista, Editora da Unicamp, Campinas, 1992.
- Bonfil Batalla Guillermo, *México profundo. Una civilización negada*, Grijalbo, México, 1990.
- Brion Davis David, *The Problem of Slavery in Western Culture*, Penguin Books, Londres, 1970.
- Colombo Cristóvão, *Diários da descoberta da América*, trad. de Milton Person, L & PM Editores, Porto Alegre, 1984.
- Cruz Costa João, *Contribuição à história das idéias no Brasil*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956.
- Cueva Agustin, *El desarrollo del capitalismo en América Latina*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1979.
- de Sepúlveda Juan Ginés, de Las Casas Fray Bartolomé, *Apologia*, trad. de Angel Losada, Editora Nacional, Madrid, 1975.
- de Sierra Geronimo (compilador), *Democracia emergente en América del Sur*, Unam, México, 1994.
- Doctors Without Borders, *World in Crisis. The Politics of Survival at the End of the Twentieth Century*, Routledge, Londres, 1997.
- Dussel Enrique, *1492 o encobrimento do outro. A origem do 'mito da modernidade'*, trad. de Jaime A. Clasen, Vozes, Petrópolis, 1993.
- Franch José Alcina (Org.), *Indianismo e indigenismo*, Alianza Editorial, Madrid, 1990.
- Garcia Márquez Gabriel, *Cem anos de solidão*, trad. de Eliane Zagury, 20a edição, Editora Record, Rio de Janeiro, e/d.
- Gerbi Antonello, *La disputa del Nuevo mundo (1750-1900)*, trad. de Antonio Alatorre, Fondo de Cultura Eoomonica, México, 1982.
- Gerbi Antonello, *La naturaleza de las Indias nuevas. De Cristobal Colón a Gonzalo Fernandez de Oviedo*, trad. do Antonio Alatorre, Fondo de Cultura Economica, México, 1978.
- González Casanova Pablo, *Imperialismo y liberación en América Latina*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1978.
- González Casanova Pablo, *O colonialismo global e a democracia*, trad. de Márcia Camargo Cavalcanti, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.
- González Casanova Pablo, Saxe-Fernández John (Organizadores), *El mundo actual: situacion y alternativas*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996.
- Guerra-Borges Alfredo (coord.), *Nuevo ordem mundial: Reto para la insercion de América Latina*, Instituto de Investigaciones Econômicas, Unam, México, 1994.
- Halperin Donghi Túlio, *História da América Latina*, trad. de Carlos Nelson Coutinho, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- Hanke Lewis, *La humanidad es una*, trad. de Jorge Avendaño-Inestrillas, Margarita Sepulveda de Baranda, Fondo de Cultura Economica, México, 1974.



- Hobsbawm Eric J., *A era das revoluções (1789-1848)*, trad. de Maria Teresa L. Teixeira e Marcos Penchel, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.
- Hofstadter Richard, *O antiintelectualismo dos Estados Unidos*, trad. de Hamilton Trevisan, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- Hofstadter Richard, *Social Darwinism in American Thought*, Beacon Press, Boston, 1967.
- Huxtable Elliott John, *El Viejo mundo y el nuevo (1492-1650)*, trad. de Rafael Sánchez Mantero, Alianza Editorial, Madrid, 1934.
- Ianni Octavio, *A era do globalismo*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997.
- Ianni Octavio, *Escravidão e racismo*, 2a edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1988.
- Jeremy Brecher, John Brown Childs and Jill Cutler (Editors), *Global Visions. Beyond the New World Order*, South End Press, Boston, 1993.
- Lezama Lima José, *A expressão americana*, trad. de Irleamar Chiampi, Editora Brasiliense, São Paulo, 1938.
- Margarida Nolasco, antropóloga, em depoimento transcrito por Elena Poniatowska, *La noche de Tlatelolco. Testimonios de historia oral*, 53a edição, Ediciones Era, México, 1996.
- Mariategui José Carlos, *Siete ensayos de interpretacion de la realidad peruana*, Biblioteca Amauta, Lima, 1965.
- Morner Magnus, *Race Mixture in the History of Latin America*, Little Brown and Co., Boston, 1967.
- Morse Richard, *O espelho de Próspero*, trad. de Paulo Neves, Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
- Moulian Tomas, *Chile actual. Anatomia de un mito*, Lom-Arcis, Santiago, 1998.
- Nunca mas*, Informe de la Comision nacional sobre la desaparición de personas, Editorial Universitária de Buenos Aires, Buenos Aires, 8a edição, 1985.
- O’Gorman Edmundo, *La invencion de América. El universalismo de la cultura do Occidente*, Fondo de Cultura Economica, México, 1958.
- Ramos Artur, *As culturas negras no Novo mundo*, 4a edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1979.
- Rodotá Stefano, *Tecnopolitica*, Editori Laterza, Roma-Bari, 1997.
- Rojas Mix Miguel, *Los cien nombres de América*, Editorial Lumen, Barcelona, 1991.
- Salazar Bondy Augusto, *Existe una filosofia de Nuestra América?*, Siglo Veintiuno Editores, México, 1968.
- Silveira Oliveira, *Charqueada grande*, publicado por Oswaldo de Camargo (seleção e organização), *A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros*, Edições Grd, São Paulo, 1986.
- Steiner George, *Pasión intacta*, trad. de Menohu Gutiérrez e Encarna Castejón, Ediciones Siruela, Madrid, 1997.
- Tvzetan Todorov, *Fictions et vérités*, «L’Homme», 111-112, Paris, 1989, pp.7-33.
- Tzvetan Todorov, *A conquista da América. A questão do outro*, trad. de Beatriz Perrone Moisés, Martins Fontes Editora, São Paulo, 1983.
- Vespúcio Américo, *Novo mundo*, trad. de Luiz Renato Martins, L & PM Editores, Porto Alegre, 1984.



- Vilas Carlos M., *América Latina en el Nuevo orden mundial*, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias, Unam, México, 1994.
- Vuh Popol, *Las antiguas historias del Quiché*, trad. de Adrián Recinos, Fondo de Cultura, México, 1984.
- Walker Martin, *The Cold War. And the Making of the Modern World*, Vintage, Londres, 1994.
- Williams Eric, *Capitalismo e escravidão*, trad. de Carlos Nayfeld. Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1975.
- Zavala Silvio, *La filosofía política en la conquista de América*, Fondo de Cultura Economica, México, 1993.
- Zea Lepoldo (compilador), *El descubrimiento de América y su impacto en la historia*, Fondo de Cultura Economica, México, 1991.
- Zea Lepoldo, *Dialéctica de la conciencia americana*, Alianza Editorial Mexicana, México, 1976.